

Repositório ISCTE-IUL

Deposited in *Repositório ISCTE-IUL*:

2022-12-13

Deposited version:

Publisher Version

Peer-review status of attached file:

Peer-reviewed

Citation for published item:

Maia, M. (2019). Prevenção das infeções sexualmente transmissíveis entre adolescentes e jovens no contexto escolar. In Christina César Praça Brasil, Ana Maria Fontenelle Catrib, José Manuel Peixoto Caldas (Ed.), *Tendências e tecnologias na promoção da saúde nos espaços educacionais*. (pp. 138-161). Fortaleza: EdUECE.

Further information on publisher's website:

<http://www.uece.br/eduece/dmdocuments/Tendencias%20e%20tecnologia%20para%20a%20promocao%20da%20saude.pdf>

Publisher's copyright statement:

This is the peer reviewed version of the following article: Maia, M. (2019). Prevenção das infeções sexualmente transmissíveis entre adolescentes e jovens no contexto escolar. In Christina César Praça Brasil, Ana Maria Fontenelle Catrib, José Manuel Peixoto Caldas (Ed.), *Tendências e tecnologias na promoção da saúde nos espaços educacionais*. (pp. 138-161). Fortaleza: EdUECE.. This article may be used for non-commercial purposes in accordance with the Publisher's Terms and Conditions for self-archiving.

Use policy

Creative Commons CC BY 4.0

The full-text may be used and/or reproduced, and given to third parties in any format or medium, without prior permission or charge, for personal research or study, educational, or not-for-profit purposes provided that:

- a full bibliographic reference is made to the original source
- a link is made to the metadata record in the Repository
- the full-text is not changed in any way

The full-text must not be sold in any format or medium without the formal permission of the copyright holders.

CAPÍTULO 7

PREVENÇÃO DAS INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS ENTRE ADOLESCENTES E JOVENS NO CONTEXTO ESCOLAR

Marta Maia

INTRODUÇÃO

A educação para a saúde desafia muitos atores em diferentes níveis e em vários territórios: o ambiente escolar, a saúde ocupacional, as instituições de saúde, a penitenciária, o mundo médico. Esse território corresponde ao contexto em que vivem os atores sociais. Estes não podem ser compreendidos isoladamente, fora desse contexto onde vivem, interagem, se relacionam. Os modos de pensar, sentir e agir são expressões do espaço e do tempo onde se desenvolvem. Os comportamentos individuais dos jovens que constituem a amostra do estudo antropológico que se apresenta pois são analisados à luz dos meios escolares, familiares, geográficos e socioculturais onde se inserem.

Apesar de o trabalho de campo ter decorrido em França há cerca de quinze anos Maia (2009) pode sem dúvida servir de ponto de partida para uma reflexão em

torno da questão dos comportamentos dos riscos dos adolescentes e jovens de outros países e da educação para a saúde destas populações. Com efeito, os comportamentos de risco para a saúde não só não aumentaram como parecem mesmo, nalguns domínios, estar a aumentar entre alguns grupos de jovens, como vimos recentemente com o dramático caso do jogo da Baleia Azul, um jogo *online* que leva adolescentes e jovens fragilizados ou em sofrimento psicológico a terem comportamentos autodestrutivos, incitando-os, inclusive, ao suicídio.

O estudo que levámos a cabo sobre as representações e vivências da sexualidade e da sida entre adolescentes escolarizados na periferia de Paris, Maia (2009) foi realizado junto de alunos de quatro estabelecimentos de ensino da periferia parisiense: por um lado, a *Institution Notre-Dame de la Providence* e o *Lycée Gregor Mendel*, estabelecimentos privados e católicos, na cidade de Vincennes, e por outro lado, o *Collège Fabien* e o *Lycée Jean Jaurès*, estabelecimentos públicos, na cidade de Montreuil-sous-Bois, na região Île-de-France.

Combinámos dois métodos de pesquisa, o qualitativo e o quantitativo, a fim de confrontar os resultados obtidos por cada um deles, cruzar informações, complementar e comparar os dados. A recolha de dados recorreu, portanto, a entrevistas semiestruturadas, conversas informais e observação, por um lado, e a questionários escritos, por outro lado. As entrevistas foram gravadas com o consentimento dos inquiridos e, posteriormente, transcritas. Os dados obtidos foram objecto de análise de

conteúdo (BARDIN, 1977). As entrevistas foram realizadas fora dos estabelecimentos de ensino, à saída das aulas ou à hora de almoço, na rua ou em cafés próximos dos estabelecimentos de ensino. Os questionários eram anónimos e escritos. Foram preenchidos por 222 alunos da *Institution Notre-Dame de la Providence*, em Vincennes, e 228 alunos do *Collège Fabien*, em Montreuil, nas escolas. Este inquérito beneficiou da colaboração dos diretores dos estabelecimentos e de professores, a quem agradeço. Os inquiridos são de ambos os sexos e têm idades compreendidas entre os 13 e os 20 anos de idade.

A entrevista revelou-se um instrumento privilegiado para a compreensão das representações e dos comportamentos. Uma pesquisa qualitativa permite melhor do que uma análise estatística deslindar as lógicas subjacentes aos discursos dos inquiridos. Quanto ao questionário revelou-se útil na deteção dos efeitos de fatores sociais nas representações e nos comportamentos individuais (DE SINGLY, 1992). O método qualitativo fornece dados mais completos e aprofundados que os inquéritos estatísticos, mas estes beneficiam da possibilidade de análise estatística por meio informático, o que permite amostras populacionais muito maiores e sistematização dos resultados, o que se torna necessário quando se pretende ter dados mais representativos da realidade social. As entrevistas exigem uma relação de confiança nem sempre fácil de obter, mas os questionários podem ser assimilados a um teste, esforçando-se o inquirido por dar a resposta que considera cer-

ta, que nem sempre corresponde à *verdade dos inquiridos*. *Face às potencialidades de cada uma destas ferramentas de pesquisa, e tendo em conta os objetivos do estudo, a análise dos comportamentos sexuais de risco à luz do contexto sociocultural e escolar dos inquiridos, optou-se por recorrer aos questionários essencialmente para a análise dos conhecimentos sobre o VIH/sida e das atitudes em relação ao preservativo, ao teste de diagnóstico e às pessoas seropositivas. O questionário baseou-se no de uma pesquisa nacional sobre os comportamentos sexuais (LAGRANGE; LHOMOND, 1997).*

Contexto sociocultural e escolar

A periferia de Paris, onde decorreu a investigação MAIA (2009), é um território socialmente diversificado. As várias classes sociais distribuem-se por bairros e cidades vizinhas. O termo “*la banlieue*” (a periferia, os subúrbios) corresponde, nas representações sociais, aos bairros e às cidades povoados pelas classes desfavorecidas e onde a população imigrante é maior, mesmo se o vasto território da periferia é plural, composto por todos os estratos sociais. Este termo subentende problemas de pobreza, desemprego, delinquência, violência.

Os temas centrais do nosso campo de investigação são a adolescência, a sexualidade e a sida; três temas que se entrecruzam e que são atravessados por dois fatores de análise: a condição social e a origem cultural. As cidades

de Montreuil e Vincennes foram os territórios onde decorreu o presente estudo, que versa sobre as representações e vivências da sexualidade e da sida entre adolescentes e jovens escolarizados com idades compreendidas entre os 13 e os 20 anos. Pelas suas distintas características, as cidades e os estabelecimentos de ensino escolhidos prestam-se à observação da influência do meio sociocultural e escolar nas representações sociais, atitudes e vivências da sexualidade dos adolescentes e jovens.

Estas duas cidades da periferia da capital francesa distinguem-se nomeadamente pela condição social da sua população. As taxas de imigração e de desemprego são mais elevadas em Montreuil, cidade conhecida pelos seus conjuntos de prédios altos, as *cités*. As escolas frequentadas pela amostra populacional de Vincennes são estabelecimentos católicos e privados, a *Institution Notre-Dame de la Providence*, de ensino geral, e o *Lycée Gregor Mendel*, de ensino técnico-profissional. Em Montreuil são estabelecimentos públicos, o *Lycée Jean Jaurès* e o *Collège Fabien*. Os estabelecimentos privados, situados na cidade de Vincennes, são frequentados por jovens das classes média e alta, ainda que o *Lycée Gregor Mendel* receba alunos de condições sociais mais diversas do que a *Institution Notre-Dame de la Providence*, onde predominam as classes média e alta francesas e rareiam os filhos de imigrantes. Os estabelecimentos públicos, na cidade de Montreuil, concentram uma população socialmente mais desfavorecida e uma grande parte destes jovens são filhos de imigrantes.

Vincennes e Montreuil são cidades vizinhas mas entre elas permanece uma fronteira dificilmente transponível, a das classes sociais e da sua identidade em negativo, isto é, “nós” só tem sentido por contraste com “eles”, em oposição aos outros, cada grupo procurando o seu poder, no seu campo e com os seus meios (AVENEL, 2006). A construção da identidade assenta num capital cultural e simbólico (BOURDIEU; PASSERON, 1964) próprio a cada grupo e exprime-se, por exemplo, através da indumentária (que ilustra a recusa dos jovens de meios favorecidos em vestir fatos de treino em oposição aos jovens das classes desfavorecidas que fazem da roupa de desporto um uniforme), da linguagem (cuidada entre os jovens das classes mais favorecidas e pontuada de palavrões e calão entre os jovens dos meios mais desfavorecidos), do me-neio, da trajetória escolar, dos comportamentos sexuais, etc. A valorização de si, que passa sobretudo pelos recursos materiais e pelos resultados escolares para os primeiros, e pela demonstração da força, seja ela física, verbal ou psicológica, para os segundos (LEPOUTRE, 1997; DURET, 1999), adverte para as desigualdades sociais face à escola e à cultura (BOURDIEU, PASSERON, 1964).

O tipo de estabelecimento frequentado é determinante na construção da identidade social dos sujeitos. É na escola que passam grande parte do seu tempo e que tecem as suas relações de sociabilidade. Mesmo se dela são vizinhos, nenhum contacto se estabelece com a periferia “deserdada”, nenhuma das suas normas, valores ou modos de

vida são adotados. O meio escolar funciona como um importante fator de construção da sociabilidade e de inserção numa dada categoria social. Estar inscrito nesta escola seletiva significa frequentar gente de estatuto social elevado, frequentar um lugar onde se aprende a comportar-se em função dessa pertença social, inserir-se numa certa categoria, em num grupo que possui os seus códigos, valores, representações e comportamentos próprios. Aprende-se a ser membro de um grupo aderindo à sua cultura. O sistema escolar redobra, deste modo, a ação dos determinismos sociais (BOURDIEU, PASSERON, 1964). A seleção *da Institution Notre-Dame de la Providence* é a do crivo dos resultados escolares, pois só há um exame de acesso, e a do capital económico, pois os estudantes pagam mensalidades. As regras da instituição são muito mais rigorosas do que as das escolas públicas. Por exemplo, é proibido fumar, usar boné, trazer jogos eletrónicos para a escola, os rapazes estão proibidos de ter o cabelo comprido e de usar brinco enquanto as raparigas não podem usar minissaias ou maquilhagem muito visível, é mal visto atar a camisola à cintura e vestir fato de treino. O sistema escolar, separado entre público e privado, amplifica, deste modo, a diferença já existente entre pobres e ricos, tanto em capital económico como em capital cultural e simbólico.

O sistema cultural próprio à sociedade em geral comporta subsistemas que articulam diferentes espaços sociais. As categorias sociais são um dos compostos que determinam o desdobramento das subculturas. Ainda que

os dois grupos de jovens inquiridos pertençam à mesma geração e à mesma região geográfica, a região Île-de-France, não participam da mesma (sub)cultura, com o seu cortejo de gostos, de opiniões, de marcas corporais e verbais, nem às mesmas redes de relações sociais e amorosas. Por conseguinte, qualquer ação de sensibilização e informação, neste caso relativamente às infeções sexualmente transmissíveis (IST), deve ter em atenção as particularidades de cada grupo, os modos como se exprimem, a forma das mensagens que tenderão a ser mais bem acolhidas e compreendidas no seu seio.

As populações estudadas são, em geral, estanques no plano da sociabilidade. Os adolescentes recrutam os seus amigos no meio social onde eles mesmos estão inseridos. Assim, os de Montreuil, à imagem da cidade, têm amigos com origens culturais mais diversificadas que os de Vincennes, cujo ambiente é cultural e socialmente mais homogéneo: 77% dos sujeitos inquiridos na *Institution Notre-Dame de la Providence* são franceses de pais franceses contra 18% no *Lycée Jean Jaurès*. O espaço da sociabilidade é igualmente distinto: os adolescentes das classes mais favorecidas reúnem-se em locais privados ou fechados e pagos, como as salas de cinema, as discotecas e os ginásios, enquanto que para os mais desfavorecidos a sociabilidade limita-se frequentemente aos locais públicos, como a rua e os centros comerciais (AUGÉ, 1992).

A propensão para depreciar e os jovens das classes mais desfavorecidas por parte dos jovens das classes mais

favorecidas acentua o fosso já existente entre os jovens dos diferentes meios sociais. Por exemplo, os jovens que encontramos na *Institution Notre-Dame de la Providence* estimam que é um privilégio para os estrangeiros beneficiarem dos mesmos direitos (a Segurança Social, por exemplo) que os nacionais, têm muito poucos amigos de origem estrangeira, revelando alguns estereótipos e sentimentos etnocêntricos, não desejam misturar-se com jovens de condição social mais modesta, permanecendo assim em grupos homogêneos e herméticos. A população inquirida em Montreuil pensa, pelo contrário, que a sociedade francesa não oferece um ambiente favorável à integração dos imigrantes, em particular pelo racismo e pela exclusão que se manifestam nomeadamente no mundo do trabalho. Estes jovens têm falta de confiança no futuro, na sociedade e neles próprios. A impossibilidade de atingir objetivos socialmente valorizados e as situações de insucesso nos planos escolar, social e afetivo, são fatores geradores de violência. A agressividade que por vezes manifestam é uma resposta a um sentimento de injustiça e de revolta contra a exclusão social e a precariedade económica (DUBET, 1987). A comunidade portuguesa constitui de certa forma uma exceção pois encontra-se mais favorecida socialmente do que as outras comunidades imigrantes. A taxa de desemprego é mais baixa entre os imigrantes portugueses do que na população francesa em geral.

A precariedade, a violência e a droga, que fazem parte do quotidiano dos jovens das *cités* de Montreuil repercu-

tem-se na sua vida amorosa. Seduzir torna-se mais difícil quando não se possui os meios financeiros que permitem *sortir* (sair), termo que, em francês, significa simultaneamente sair e namorar, por extensão às saídas do casal para locais propícios ao namoro (bares, discotecas, cinema, restaurantes, etc.). Este termo remete ainda para a saída da infância que representa a entrada na sexualidade. Sair é, desta forma, um acto de autonomia do corpo. A falta de recursos financeiros pode tornar-se um obstáculo a esse acto de autonomia. A procura de autonomia segue então outros modos de expressão que podem ser actos de transgressão.

Representações sociais da sexualidade

As representações da sexualidade e os comportamentos sexuais são moldados pelo contexto social dos sujeitos. A partir dos dados do nosso inquérito, Maia (2009), podemos observar, por exemplo, diferenças nas representações do amor e do sexo em função do género: os adolescentes das classes populares estimam que os homens têm maior necessidade de ter relações sexuais do que as mulheres e que estas, por sua vez, carecem de mais afetividade. Por sua vez, os adolescentes dos meios sociais mais favorecidos fazem menos distinções baseadas no género a esse respeito. Como nota Bourdieu (1998), quanto mais descemos na escala social, mais importância ganha o imperativo de virilidade para o género masculino. Do mesmo modo, as raparigas têm uma opinião depreciativa da pornografia,

ao contrário dos rapazes para quem é um modo corrente de aprendizagem da sexualidade. Para as raparigas, o amor é indissociável do sexo, enquanto os rapazes têm frequentemente relações sem estarem apaixonados e revelam-no facilmente, o que aumenta o seu sentimento de virilidade. Eles são sexualmente mais precoces do que elas, ainda que a dimensão desta diferença seja variável em função do contexto sociocultural. Há também que tomar em conta a declaração de práticas precoces pelos rapazes, que não correspondem forçosamente à realidade. Estas práticas não são socialmente valorizadas para as raparigas que, por conseguinte, não irão exagerá-las, antes pelo contrário (LAGRANGE; LHOMOND, 1997). Para eles, sobretudo para os mais jovens, o que motiva as conquistas amorosas é essencialmente a aparência física, ao passo que para elas as qualidades morais são igualmente importantes. Mas, mais uma vez, a condição social arrasta consigo algumas *nuances*, pois essa diferença aplica-se menos às raparigas das classes populares (que evocam frequentemente as qualidades físicas dos seus namorados) do que às raparigas das classes favorecidas. Além disso, ainda que os inquiridos do sexo masculino dificilmente confessem estar apaixonados, os discursos nem sempre correspondem à vivência. Os rapazes têm tendência a esconder os seus sentimentos e a sobrevalorizar o número das suas parceiras sexuais, contrariamente às raparigas, pois os primeiros têm a obrigação social de se mostrarem viris enquanto é exigido delas que os seus comportamentos se mantenham

sob o signo da moderação e do comedimento. Contudo, a sobrevalorização do número de parceiros sexuais é mais comum entre os alunos dos estabelecimentos públicos do que entre os dos estabelecimentos privados. Por sua vez, as raparigas mostram relutância em confessar que têm práticas sexuais dissociadas do sentimento de amor, mas as entrevistas mais aprofundadas contradizem por vezes os primeiros discursos exibidos (MAIA, 2010). Os discursos servem muitas vezes para manter a aparência da conformidade com a norma, guarda da boa reputação.

Há, portanto, que não negligenciar os fatores sociais na análise etnológica e evitar os culturalismos (FASSIN, 2002), pois além da origem cultural ter pouco peso no contexto presente, a estratificação social impõe diferenças no seio de uma mesma comunidade cultural. Por exemplo, os adolescentes franceses de pais franceses são, na globalidade, mais tolerantes face à homossexualidade do que os filhos de imigrantes magrebinos e portugueses mas, entre os primeiros, a homossexualidade é vista como “natural”, “normal” nas classes sociais mais favorecidas, ao passo que os jovens de condição social modesta encaram-na como uma ofensa à virilidade e honra masculina (MAIA, 2010). Entre os adolescentes das *cités* a virilidade é um valor que molda as representações da sexualidade. Estimam, por exemplo, que a masturbação é para os rapazes um sinal de virilidade e uma prática legítima e corrente para o sexo masculino mas não para o feminino, contrariamente aos jovens de Vincennes. Do mesmo modo, a pornogra-

fia serve-lhes muitas vezes de suporte de aprendizagem da sexualidade, o que não é o caso do grupo inquirido em Vincennes. Já a afetividade é para os jovens de Montreuil mais associada ao sexo feminino do que ao masculino.

Outra diferença socialmente determinada diz respeito à maior precocidade sexual entre os indivíduos das classes desfavorecidas, cuja primeira relação sexual se situa entre os 14 e os 16 anos, dois anos antes dos seus pares de condição social mais favorecida, cuja iniciação sexual ocorre entre os 16 e os 18 anos, Maia (2009), à excepção das filhas de pais magrebinos e portugueses, com iniciações mais tardias, pois a primeira relação sexual significa para elas sobretudo uma perda, a da virgindade, mais do que uma conquista, a da experiência. Para os jovens das classes mais baixas, a primeira relação sexual significa sobretudo um acto de iniciação, enquanto que nos discursos dos jovens das classes média e alta, os sentimentos amorosos são mais valorizados relativamente à experiência e à proeza sexual. Estes dados corroboram os da pesquisa de âmbito nacional sobre a sexualidade dos jovens ACSJ (*Analyse des Comportements Sexuels des Jeunes*) dirigida por Lagrange e Lhomond (1997). Os dados da ACSJ, cuja amostra populacional é de 6500 indivíduos dos 15 aos 18 anos, situam a idade da primeira relação sexual aos 17 anos.

Finalmente, há a notar o facto dos inquiridos das classes desfavorecidas terem uma experiência acrescida no âmbito das relações amorosas culturalmente mistas, o que se deve sobretudo ao contexto multicultural em que vi-

vem, ao contrário dos jovens escolarizados em Vincennes. A escolha amorosa efectua-se por referência a imagens familiares e sociais, o que se traduz numa pressão no sentido de uma homogeneidade social e cultural dos casais (VARRO, 1995). A escolha de um(a) namorado(a) culturalmente diferente é favorecida pelo contexto multicultural no qual se inscreve o sujeito. Um ambiente multicultural é mais propício ao estabelecimento de laços interculturais. Os casais mistos são portanto mais frequentes em Montreuil do que em Vincennes, pelas características, como vimos, de cada uma destas cidades.

Comportamentos sexuais de risco

As representações e as atitudes perante o VIH/sida são também elas moldadas pelo contexto sociocultural. Os comportamentos de risco estão presentes em ambos os grupos observados, se bem que em graus e por razões diferentes. Os alunos dos estabelecimentos públicos revelam-se insuficientemente informados, sobretudo os mais jovens. Não é raro que as relações sexuais ocorram sob o efeito da droga ou do álcool, situação propícia aos comportamentos de risco, devido à alteração da consciência. Também o imperativo da virilidade pode induzir nos rapazes um sentimento de domínio sobre as coisas que, sendo ilusório, os pode colocar em risco. Por seu turno, os alunos dos estabelecimentos privados estão bem in-

formados, pois beneficiam anualmente de campanhas de prevenção na escola, e têm menos vezes relações sexuais sem preservativo. No entanto, o risco não está ausente pois, por vezes, sentem-se protegidos pela sua pertença social, tanto mais que recrutam os seus parceiros sexuais no seu próprio meio social, isto é, entre pessoas que estimam serem “de bem”, e pelos sentimentos sobre os quais assentam a relação amorosa, representando-se o amor e a confiança como uma garantia de proteção em relação ao risco de contrair IST. Assim, as primeiras relações sexuais são protegidas, mas o preservativo é (pouco) mais tarde abandonado, substituído pela confiança mútua, a maioria das vezes sem antes realizarem testes de despistagem do VIH. Segundo o inquérito realizado por questionário na *Institution Notre-Dame de la Providence* e no *Collège Fabien*, respetivamente 57% e 60,6% dos inquiridos sexualmente ativos (87,8% e 92,2%, respetivamente, do total dos inquiridos) nunca realizaram um teste do VIH. Nas entrevistas, o número é maior ainda, pois nove entrevistados em cada dez afirmou nunca ter efetuado o teste.

A adesão ao preservativo é muitas vezes avaliada pela sua utilização na primeira relação sexual (LAGRANGE; LHOMOND, 1997), mas esta não exclui o risco, ou seja, a proteção da primeira relação sexual não constitui um barómetro da utilização regular do preservativo, pois este é justamente sacrificado depois do ritual da primeira relação sexual que simboliza a porta de entrada para uma relação de confiança. Este é um dado que deve ser tomado

em conta na elaboração das campanhas de prevenção e das ações de promoção da saúde entre os adolescentes e os jovens.

A transmissão do VIH é, desde os anos 1980, um novo dado na sexualidade, mas não ocultou nem mudou o sistema de crenças sobre os papéis tradicionais dos homens e das mulheres (BOZON, 1998). No imaginário adolescente, o(a) namorado(a) é puro(a) e não pode, por isso, constituir perigo. Esta denegação do risco acompanha a crença na fidelidade e na confiança mútuas como garantias de protecção. Salvo algumas excepções entre os inquiridos de Montreuil que têm por vezes práticas sexuais “unicamente pelo prazer”, a sexualidade é vista como uma expressão de afeto, uma troca de sentimentos “bons”, uma dádiva de si, um compromisso e uma prova de confiança. O preservativo é então interpretado como um gesto para se preservar do outro, um gesto de desconfiança contrário à representação que a maioria dos jovens têm do amor. Assim, os conhecimentos sobre as IST nem sempre se traduzem em práticas racionais de evitamento do risco (LUDWIG, 1990), pois existe nas representações sociais uma oposição entre uma alteridade “nefasta”, um risco que proviria do outro “diferente”, e uma proximidade “protectora” (MENDES-LEITE, 1996). Por exemplo, através das entrevistas podemos constatar que uma relação com uma pessoa mais velha ou de um meio social diferente é considerada mais perigosa do que uma relação entre pessoas consideradas próximas. Assim, o medo da infeção pelo

VIH não é matematicamente proporcional aos riscos reais, é antes ditado pela lógica da confiança *vs* desconfiança (MENDES-LEITE, 1996). O sujeito deposita uma confiança cega na pessoa pela qual está apaixonado, mesmo se não conhece o seu estatuto serológico, mas desconfia de uma pessoa ser o positiva, que representa-se como uma pessoa “pouco frequentável”. Neste contexto, ter relações sem preservativo com pessoas das quais desconhecem o estatuto serológico não é uma situação rara para os nossos inquiridos, sem no entanto terem o sentimento de correr um risco, mas recusariam beijar uma pessoa ser o positiva, mesmo sabendo que a saliva não é um vetor de transmissão do VIH. Do mesmo modo, para um simples contato como o de apertar a mão ou ainda a utilização de casas de banho públicas, o sentimento de correr um risco de contaminação é amplificado pelo medo (irracional) da infeção.

Quando, nas representações sociais, a ser o positividade permanece associada à marginalidade (AUGÉ; HERZLICH, 1994), perante alguém que lhes parece “normal” e “honesto”, os jovens não sentem necessidade de se protegerem. Sob o pretexto da normalidade social, sentem-se fora de perigo. Este sentimento está ligado à associação, que subsiste, sobretudo entre os jovens menos informados e sensibilizados para o problema das IST, entre os “marginais” (usuários de drogas, homossexuais, imigrantes africanos pobres...) e o risco de contrair VIH/sida. Deste modo, os inquiridos adoptam uma pluralidade de lógicas preventivas (irracionais) no sentido de se co-

locarem dentro do que consideram como a norma para se sentirem fora de perigo, lógicas essas que vão da estratégia de evitamento de parceiros “potencialmente perigosos” à “seleção” das conquistas amorosas baseada num juízo estético e ético do outro, na restrição das relações amorosas às pessoas “próximas” (com a mesma origem social e cultural, a mesma idade, etc.), passando pela fidelidade, vista como uma medida de proteção, mas que na realidade pode facilmente tornar-se numa ilusão de proteção pois é inútil ser-se fiel ao/à seu/sua parceiro/a sexual se não se conhece o seu estatuto serológico.

Barreiras à prevenção das IST

A prevenção das IST em geral e do VIH/sida em particular deve ter presente as lógicas dos grupos aos quais se dirige. A prevalência do VIH/sida entre grupos que são já alvo de preconceito produz um agravamento do seu estigma e da sua discriminação e, simultaneamente, uma imputação de características negativas às pessoas infetadas (AUGÉ; HERZLICH, 1994; MAIA, 2010). Por exemplo, uma pessoa infetada através de uma transfusão sanguínea é considerada “inocente”, ao contrário de um indivíduo contaminado por via sexual, que é visto como “culpado”. Há no sistema de crenças da população, uma suposta *intencionalidade* da transmissão do VIH (“ele/ela ama-me, nunca me faria tal coisa, não me pode aconte-

cer nenhum mal”) acompanhada de uma convicção que a confiança mútua serve de proteção contra as IST, numa escala de valores que coloca a doença do lado do mau e do sujo e a segurança do lado dos sentimentos de amor.

A ideia que a infeção por VIH é o efeito de um comportamento “desviante”, fora da norma, persiste apesar da melhoria dos conhecimentos gerais da população. Ter o vírus da sida é encarado como algo vergonhoso e estigmatizante. A grande maioria dos nossos interlocutores deixaria o seu namorado ou a sua namorada se soubesse da sua ser o positividade e não namoraria com alguém cuja ser o positividade fosse sabida de todos (MAIA, 2009).

Um segundo entrave à prevenção reside na insuficiente implicação das raparigas na gestão profiláctica. Elas concentram a sua preocupação na contraceção. O preservativo permanece um assunto masculino: são eles que compram os preservativos, que os têm, que decidem ou não utilizá-los e que os colocam. Acontece não raras vezes que a relação sexual ocorra sem protecção simplesmente porque o rapaz não tem um preservativo à disposição. Além disso, o facto de ser ele a manipular o preservativo do início ao fim, desde o acto da compra até ao final da sua utilização, é vivido por eles como um acto solitário e prejudicial ao prazer. No entanto, uma rapariga que ande com preservativos na bolsa é mal vista. Há pois uma partilha de tarefas, a moça tratando da pílula contracetiva e o rapaz do preservativo), que constitui um obstáculo à prevenção das IST (MAIA, 2009).

Por outro lado, os rapazes estão frequentemente mais preocupados com o seu desempenho sexual do que com os riscos inerentes à sexualidade, sobretudo nos meios populares. A primeira relação sexual representa para eles o acesso ao estatuto de homem e a fim de honrá-lo sobrevalorizam os seus sentimentos de autoconfiança e controle. O problema das IST passa então para segundo plano (MAIA, 2009).

Aqueles que estão mais familiarizados com o preservativo, em particular os adolescentes que beneficiaram de campanhas de prevenção na escola e que nunca tiveram relações sexuais desprotegidas, aceitam-no mais facilmente e não o consideram como um elemento perturbador do prazer e da relação sexual. Por conseguinte, as campanhas de prevenção são primordiais nos meios desfavorecidos, onde os adolescentes são sexualmente mais precoces e mais activos e têm, geralmente, mais comportamentos de risco. No entanto além de informar é necessário sensibilizar para o risco invisível das IST. O risco está fortemente presente nas vidas dos jovens mais desfavorecidos: risco de insucesso escolar, de consumo de drogas, de desemprego, de precariedade, de exclusão...) sendo, por conseguinte, banalizado (LE BRETON, 1995).

A maioria dos alunos das escolas de Vincennes conhecem todos os detalhes dos mecanismos biológicos da transmissão do vírus mas, frequentemente, acham que a questão das IST não lhes diz respeito e desenvolvem sentimentos de segurança pelo simples facto de estarem bem

informados. A própria informação cria o sentimento de estarem fora de perigo (“estou bem informado, por isso não corro perigo”).

Nos estabelecimentos de ensino, a prevenção, quando a há, faz-se na escola, no seio das aulas, o que pode acarretar, nos adolescentes, o sentimento de terem sido insistentemente informados com informações relativas ao VIH/sida.

CONCLUSÃO

A informação transmitida sobre as IST é ressentida como uma intrusão da escola - lugar de desprazer - nas suas vidas íntimas - lugar de prazer - e como um modo demasiado tecnicista de abordar a sexualidade. Os conhecimentos adquiridos no quadro escolar são dificilmente transponíveis para a realidade exterior à escola. A teoria aparece separada da prática.

As campanhas deveriam, portanto, realizar-se fora do quadro escolar para evitar que as informações sejam associadas a um discurso teórico “inútil”, “para esquecer” e sem ligação com a realidade exterior à escola, à imagem dos conteúdos teóricos escolares.

Há que ter em conta que a informação mal adaptada à realidade da população-alvo, por exemplo, quando não responde às suas lógicas e representações, mas também quando é demasiado tecnicista, não traz uma consciencialização do risco, o que pode ter efeitos perversos.

Os grupos de jovens inquiridos apresentam particularidades para lá daquilo que é comum à faixa etária, que se enraízam nos contextos sociais e escolares que descrevemos. As formas de sedução, a formação de casais mistos, a relação com a futura aliança, a relação com o risco de transmissão das IST, são ajustados por aprendizagens sociais, económicas e culturais. As ações de prevenção devem levar em conta que não há um perfil do adolescente e do jovem independentemente do contexto no qual ele evolui, que a relação com a sexualidade não é a mesma nos diferentes contextos sociais, e que os comportamentos de risco inserem-se sempre em contextos sociais de maior ou menor vulnerabilidade.

REFERÊNCIAS

AUGÉ, M. **Non-lieux**: introduction à une anthropologie de la surmodernité. Paris: Seuil, 1992.

AUGÉ, M.; HERZLICH, C. **Le sens du mal**: anthropologie, histoire, sociologie de la maladie. Paris: Archives Contemporaines, 1994.

AVENEL, C. Les adolescents et leur cité, dans les « quartiers ». **Enfances & Psy**, [S.l.], v. 33, n. 4, p. 124-139, 2006.

BARDIN, L. **L'analyse de contenu**. Paris: Presses Universitaires de France, 1977.

BOURDIEU, P. **La domination masculine**. Paris: Seuil, 1998.

BOURDIEU, P.; PASSERON, J.-C. **Les Héritiers**. Paris, Éditions de Minuit, 1964.

BOZON, M. La sexualité a-t-elle changé? Regards sur l'activité sexuelle et sur ses significations à l'ère du sida. *In*: BAJOS, N. *et al.* (eds.). **La sexualité aux temps du sida**. Paris: Presses Universitaires de France, 1998. p. 11-34.

DE SINGLY, F. **L'enquête et ses méthodes**: le questionnaire. Paris: Nathan, 1992.

DUBET, F. **La galère**: jeunes en survie. Paris, Arthème Fayard, 1987.

DURET, P. **Les jeunes et l'identité masculine**. Paris: Presses Universitaires de France, 1999.

FASSIN, D. **Sida, immigration et inégalité**: nouvelles réalités, nouveaux enjeux. Paris: Agence Nationale de Recherche sur le Sida, 2002.

LAGRANGE, H.; LHOMOND, B. **L'entrée dans la sexualité**: le comportement des jeunes dans le contexte du sida. Paris: La Découverte/Syros, 1997.

LE BRETON, D. **La sociologie du risque**. Paris: Presses Universitaires de France, 1995.

LEPOUTRE, D. **Cœur de banlieue**: Codes, rites et langages. Paris: Odile Jacob, 1997.

LUDWIG, D. Analyse de quelques réactions au sida dans une population étudiante. *In*: JOB-SPIRA, N. *et al.* (org.). **Santé publique et maladies à transmission sexuelle**: des voies de recherche pour l'avenir. Paris: Institut National de la Santé et de la Recherche Médicale, 1990. p. 512-515.

MAIA, M. **Sexualités adolescentes**. Paris: L'Harmattan/Éditions Pepper, 2009.

MAIA, M. Construction identitaire, relations amoureuses et comportements sexuels à risque de jeunes de la banlieue parisienne. **Compaso**: Journal of Comparative Research in Anthropology and Sociology, Bucharest, v. 1, n. 1, p. 73-89, 2010.

MENDÉS-LEITE, R. Identité et altérité. Protections imaginaires et symboliques face au sida. **Gradhiva**: revue d'histoire et d'archives de l'anthropologie, Paris, n.18, p. 93-103, 1996.

VARRO, G. (ed.). **Les couples mixtes et leurs enfants en France et en Allemagne**. Paris: Armand Colin, 1995.